

A DESINTEGRAÇÃO FAMILIAR E A DOR EM INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO (2011)

FAMILY DISINTEGRATION AND PAIN IN INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES, BY CONCEIÇÃO EVARISTO (2011)

Janayara Araújo Lima 1
Maria Perla Araújo Morais 2
Olívia Aparecida Silva 3

1 Tem licenciatura em Letras - habilitação Português/Inglês, com ênfase em Literatura Brasileira, pelo Instituto de Educação, Agricultura Ambiente da Universidade Federal do Amazonas (Campus Humaitá-AM). Cursa especialização em LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais e Educação para Surdos - Unopar. É aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (Campus Porto Nacional). É estudante no Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos - UFT. Tem interesse nos seguintes temas: feminismo, gênero, sexualidade, diversidade sexual e estudos literários. Trabalha com revisão de textos acadêmicos. E-mail: jana.jolibe@gmail.com

2 Possui Graduação em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1998), Mestrado em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2000) e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (2006). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas, atuando principalmente nos seguintes temas: Guimarães Rosa, Mia Couto, Literatura e História, Identidade Cultural, Transculturação, Walter Benjamin, Monstruosidade. É professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Tocantins e líder do grupo de pesquisa NELA: Núcleo de estudos de Literaturas Africanas e Portuguesa, cadastrado no CNPQ. E-mail: perlamorais@gmail.com

3 Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, narrativa contemporânea, memória, autobiografia. E-mail: olivia@mail.uft.edu.br

Resumo: O presente artigo pretende fazer uma análise comparativa dos contos "Rose Dusreis" e "Maria do Rosário Imaculada dos Santos", de Conceição Evaristo (2011). Para isso, versaremos sobre a escrita feminina negra no contexto contemporâneo brasileiro e os deslocamentos representativos de sujeitos sociais marginalizados, no caso, as mulheres negras. A partir de autores como Regina Dalcastagnè (2012), Djamilá Ribeiro (2017), Eduardo de Assis Duarte (2018) e outros, contextualizaremos a escrita literária de Conceição Evaristo no âmbito da literatura brasileira contemporânea e sua importância para a emergência de sujeitos sociais historicamente silenciados não somente na literatura, mas em outras manifestações artísticas e políticas.
Palavras-chave: Mulher negra. Sujeito histórico e político. Autoria feminina negra.

Abstract: This article intends to make a comparative analysis of the stories "Rose Dusreis" and "Maria do Rosário Imaculada dos Santos", by Conceição Evaristo (2011). For this, we will deal with black female writing in the contemporary Brazilian context and the representative displacements of marginalized social subjects, in this case, black women. From authors such as Regina Dalcastagnè (2012), Djamilá Ribeiro (2017), Eduardo de Assis Duarte (2018) and others, contextualize the literary writing of Conceição Evaristo within contemporary Brazilian literature and its importance for the emergence of historically social subjects silenced not only in literature, but in other artistic and political manifestations.

Keywords: Black woman. Historical and political subject. Black female authorship.

Introdução

Maria da Conceição Evaristo de Brito, escritora negra brasileira, ocupa um importante lugar na literatura brasileira contemporânea. Suas obras versam sobre temas diversos e representam, sobretudo, a condição da mulher negra em nossa sociedade. Os espaços periféricos ocupados pelos negros têm ganhado uma nova significação na Literatura de Conceição Evaristo. A sua escrita se apresenta como uma ferramenta importante na representação literária dos sujeitos socialmente marginalizados, pois ela, como diz Dalcastgnè (2012), traz, em sua produção literária, a perspectiva *de dentro*.

O conto “Rose dos Reis”, da coletânea *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, narra a história de uma menina negra, Dusreis, que teve sua família desintegrada, após a morte de seu pai. Sem condições econômicas de manter o lar, a mãe, de forma dolorosa, enviaram as filhas ainda crianças a lugares diferentes. Todas elas iriam, em seus futuros destinos, exercer algum trabalho doméstico precário, a fim de conseguirem dinheiro a sobrevivência de ambas.

O conto “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, também da coletânea supracitada, discorre acerca da história de Maria do Rosário que, quando criança, também teve de lidar com a abrupta (e inesperada) separação de seus entes familiares. Esta separação se deu por conta do sequestro que ela sofrera. Após ser “inserida” em uma família na qual ela não tinha qualquer relação, Maria do Rosário teve que lidar com as perdas e a dor e, em meio ao trauma, dar um novo sentido à vida.

Essas histórias, de certo modo, estão entrelaçadas, pois versam sobre família, infância, dor, memória e outros temas. Tanto Maria do Rosário quanto Rose dos Reis, com suas “insubmissas lágrimas”, tiveram de aprender a ressignificar, em meio à dor e à distância, as memórias do conforto familiar e dos laços de convivência e afetividade rompidos. Por isso, os contos, ao seu modo, refletem sobre a situação de vulnerabilidade a qual as mulheres, sobretudo negras, desde a infância, estão expostas.

Logo, o presente artigo pretende fazer uma análise comparativa dos contos Rose Dusreis e Maria do Rosário Imaculada, de Conceição Evaristo (2011). Para isso, versaremos sobre a escrita feminina negra no contexto brasileiro e os deslocamentos representativos de sujeitos sociais marginalizados, no caso, as mulheres negras. Desse modo, a partir de autores como Dalcastagnè (2012), Ribeiro (2017), Duarte (2018) e outros, contextualizaremos a escrita literária de Conceição Evaristo no âmbito da literatura brasileira contemporânea e sua importância para a emergência de sujeitos sociais historicamente silenciados não somente na literatura, mas em outras manifestações artísticas e políticas.

A Tessitura Literária de Conceição Evaristo e Seu Lugar na Literatura Brasileira Contemporânea

Mulher Negra Como Sujeito Histórico e Político

Maria da Conceição Evaristo de Brito, sem dúvida, transcendeu o lugar de marginalidade socialmente concedido aos negros nas sociedades onde se sobrepõe uma supremacia branca. Conforme os pensamentos e discursos hegemônicos dessa sociedade, os negros tiveram de, ao longo da história, contentar-se com posições subalternas no que concerne à sua organização ideológica, cultural e, principalmente, política, sendo, desse modo, negado-lhes o direito ao pensamento crítico e, conseqüentemente, à atuação discursiva e intelectual – resquício de uma sociedade escravista.

De origem humilde e neta de escravos, Conceição Evaristo projetou-se intelectualmente no meio acadêmico brasileiro, alcançando o título de doutorado em Letras e ocupando o cargo de professora universitária em uma das universidades mais bem conceituadas no âmbito nacional. Entretanto, para alcançar o posto ocupado por ela, seus antepassados (e também ela!) tiveram de, arduamente, lutar por direitos que por longo tempo lhes foram negados, como a educação, por exemplo. Porém, o fato de Evaristo ter transcendido à sua condição, não pode, aqui, nos direcionar ao erro de fortalecer um discurso meritocrático, pois, conforme sua própria fala, há outros sujeitos

negros, de igual competência, resistência e atuação, que seguem invisibilizados nesta estrutura social que valoriza a cultura supremacista branca. Ademais, Evaristo contestou ainda as razões as quais a levaram ao reconhecimento tão tardiamente, afinal, a autora tem um longo percurso como intelectual, ativista e escritora (EVARISTO, 2018). Deste modo, dentre suas contestações, os sujeitos negros historicamente buscaram, inclusive, privilégio (ou reconhecimento) social, e “quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico” (RIBEIRO, 2017, p. 26).

Em seu livro *A condição humana*, a filósofa alemã Hannah Arendt (2010) esclarece que das necessidades necessárias e presentes nas comunidades humanas apenas duas classificam-se como políticas. Logo, a ação (ou *praxis*) e o discurso (ou *lexis*) inscreveram-se como manifestações políticas inerentes ao homem, ser social. Entretanto, sua condição de mulher e negra colocava Conceição Evaristo em uma situação de maior vulnerabilidade social e lhe impossibilitava sua concretização como ser político, ou seja, que usufrui do direito ao discurso e à ação. No entanto, vale ressaltar que, “desde muito tempo, as mulheres negras vêm lutando para serem sujeitos políticos e produzindo discursos contra hegemônicos” (RIBEIRO, 2017, p. 21), em contraposição ao discurso autorizado e único que, por isso, se pretende universal (IBIDEM, 2017) e, principalmente, em contraposição ao silenciamento historicamente imposto a esses sujeitos. Quando usufruem do direito à voz, portanto, às mulheres negras é permitido sua condição de sujeitos políticos, ao considerar-se que a maioria das ações políticas concretiza-se por meio de palavras (ARENDR, 2010).

Levando em consideração ainda o lugar social e, conseqüentemente, o sentido do termo *mulher negra*, que nas palavras da filósofa brasileira Djamila Ribeiro resume-se à “antítese de branquitude e masculinidade” (RIBEIRO, 2017, p. 41), Evaristo rompeu com o silêncio e a violência naturalizada impostos às mulheres negras ao longo da história. Ribeiro ressalta ainda que “ser essa antítese de branquitude e masculinidade dificulta que ela [mulher negra] seja vista como sujeito. O olhar tanto de homens brancos e negros e mulheres brancas confinaria a mulher negra num local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado” (IBIDEM, 2017, p. 46).

Portando, a condição de subalternidade e marginalidade dos sujeitos negros, impediu-lhes de, por muito tempo, concretizarem-se como sujeitos com uma história, ou sujeitou-lhes a meros objetos de uma história de silenciamento, exploração e violência, já que suas existências foram reduzidas à escravidão, em detrimento do fortalecimento das estruturas de poder dominantes. Diante desta realidade histórica, hoje os sujeitos negros têm se organizado politicamente e buscado cada vez mais visibilidade, representatividade adequada, autonomia e espaço, além de criarem estratégias de resistência diante da norma colonizadora, que insiste em relegá-los ao esquecimento e/ou ao olhar preconceituoso do dominante.

Mulher, Negra e Escritora

No que concerne a sua atuação literária, Conceição Evaristo destacou-se ainda por romper com as limitações impostas às mulheres nas sociedades machistas, sexistas e patriarcalistas, que demarcam o espaço doméstico como único lugar permitido às mulheres, reservando-lhes, por isso, uma zona de periferia ou de subalternidade, na qual se sobrepõe a *opressão masculina*, mas, sobretudo, afastando-lhes dos lugares de aquisição do conhecimento, por as mulheres, conforme o discurso dominante, serem consideradas “inaptas” para os lugares permitidos apenas aos homens — ciência e política, principalmente.

Neste caso, faz-se necessário lembrarmos que, no âmbito brasileiro, a escrita feminina era veementemente repudiada e apenas por volta do século XIX, tendo como precursoras as escritoras Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália de Campos, Maria Benedita Camara Bormann, Júlia Lopes de Almeida e outras, as mulheres conseguiram romper com as normas sexistas da academia e suas escritas passaram a receber valorização literária e ser publicadas (TELLES, 2011). Entretanto, a escrita de autoria feminina não fora aclamada pela crítica literária e, por isso, não alçou espaço no cânone literário brasileiro.

Logo, no que concerne ao contexto social brasileiro, ao fazer um apanhado das situações as quais as mulheres estavam expostas ao assumirem seu lugar de escritoras, Norma Telles, no artigo intitulado *Escritoras, escritas, escrituras*, descreve

como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as

mulheres, [pois] antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas a autoridade que as aprisionava (IDEM, 2011, pp. 408-409).

Entretanto, mesmo diante deste contexto de luta por espaços e conquistas, as mulheres negras seguiam marginalizadas, em função de apenas uma elite burguesa ter acesso à educação formal, ou informal (as mulheres burguesas tinham acesso aos livros literários e científicos que compunham o acervo do pai ou dos irmãos, ou mesmo às suas produções e discussões literárias e/ou científicas). E foi preciso um grande percurso para que pudéssemos hoje usufruir da escrita de Conceição Evaristo, e ela própria teve de encarar o machismo (e por que não o racismo?) institucional das editoras, da crítica literária brasileira e da própria Academia Brasileira de Literatura, que relegava sua escrita à ilegitimidade. Este percurso fora traçado inicialmente por Maria Firmina dos Reis, negra, maranhense, primeira autora brasileira a escrever um romance (IBIDEM, 2011), mas que não teve seus escritos aclamados pela crítica literária.

Em uma entrevista concedida à BBC Brasil, a própria Evaristo (2018) fez um comentário que retrata bem a falta de reconhecimento ou de espaço no meio editorial brasileiro:

A primeira obra que eu escrevi, *Becos da Memória*, ficou guardada durante 20 anos. Eu mandei para várias editoras. O texto literário, no caso da autoria negra, carrega a nossa subjetividade na própria narrativa. A temática negra, principalmente quando trabalha com identidade negra, não é muito bem aceita (EVARISTO, 2018).

Da favela para a academia, Evaristo ocupou devidamente seu *lugar de fala*, ao produzir uma literatura negra ou afro-brasileira, nos termos de Pereira (2018), com a emergência de personagens negras ocupando seu *lugar de enunciação* no texto literário. Este fato permitiu-nos uma literatura mais engajada com as questões raciais, sociais e políticas ao se ocupar do papel de subverter os discursos hegemônicos e suas formas de concretização, além de refutar a historiografia tradicional. Assim sendo, Evaristo, nos seus escritos, posicionou-se politicamente enquanto mulher negra e, a partir desta posição, traduziu textualmente uma memória individual e coletiva (COSTA, 2018) desses *sujeitos emergentes*. Para Ribeiro (2017), autodefinir-se negra, portanto, representa uma estratégia de suma importância de enfrentamento à visão colonial. Neste sentido, confirmando nossa tese em relação ao posicionamento assumido pelo autor, Duarte (2018) afirma que, “deste modo, a autoria há que estar conjugada intimamente ao ponto de vista. Literatura é discursividade e a cor da pele será importante enquanto *tradução textual* de uma história própria ou coletiva” (DUARTE, 2018, s/p., grifos do autor), por isso,

poderíamos definir literatura afro-brasileira como a produção literária de afrodescendentes que se assumem ideologicamente como tal, utilizando um sujeito de enunciação próprio. Portanto, ela se distinguiria, de imediato, da produção literária de autores brancos a respeito do negro, seja enquanto objeto, seja enquanto tema ou personagem estereotipado (folclore, exotismo, regionalismo) (LOBO: 2007, p. 315 APUD DUARTE, 2018).

Nas *escrevivências* de Evaristo, como ela denomina seus textos, a mulher negra ganha sua devida representação literária, entretanto, conforme a própria autora ressalta, “quando a temática negra trata do folclore, ou não é tão reivindicativa, aí interessa. Mas quando questiona as próprias relações raciais no Brasil, é quase um tema interdito. Principalmente se isso é colocado pela própria autoria negra” (EVARISTO, 2018). Suas personagens, desse modo, fogem ao modelo estereotipado, ou seja, diferem-se da representação literária colonizadora, na qual “a mulata construída pela literatura brasileira tem sua configuração marcada pelo signo da *mulier fornicaria* da tradição europeia, ser noturno e carnal, avatar da meretriz” (DUARTE, 2018, s/p). Em contraposição a

esta retórica racista, as mulheres negras literariamente representadas por Evaristo são mulheres com uma história, donas de seu próprio destino e que, de seus lugares de marginalidade, ecoam vozes que reivindicam seu lugar de sujeitos históricos e políticos, o que condiz em afirmar que “as representações literárias não são neutras, são encarnações ‘textuais’ da cultura que as gera” (TELLES, 2011, p. 408).

Sendo assim, predominantemente, não só na literatura, mas também em outras manifestações artísticas e/ou culturais, “o silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a eles, vozes que buscam falar *em nome* deles, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes” (DALCASTAGNÈ, ANO, p. 17). Desse modo, usando as palavras de Dalcastagnè (2011), podemos dizer que a escrita de Evaristo supera a representação que trata desses sujeitos sociais e suas diversidades de maneira chapada, já que, em autores brancos ou não engajados em questionar os discursos e representações dominantes, os escritos “ocupam-se do negro mais como figura representada do que como sujeito de enunciação” (DUARTE, 2018, s/p).

Além disso,

a representação do negro como objeto agrega valores e visões forjados no âmbito da escravidão, interessados em afirmar a inferioridade dos negros ou a sua condição instintiva – propensos à submissão e/ou à violência. Tais visões ficam evidentes na caracterização de personagens negras infantilizadas ou imbecilizadas, que reproduzem a condição subalterna em que os africanos escravizados viviam na sociedade brasileira (IDEM. 2018, s/p).

Ao considerarmos ainda a atuação de Evaristo no que concerne à sua condição sociorracial, sobressaem, em sua escrita, os resquícios de uma cultura de exclusão e opressão, na qual às mulheres era concedido apenas o papel de esposas, mães, donas de casa ou, no caso das mulheres negras, serviçais ou mero objeto sexual, perceptível nas tramas as quais a autora criticamente insere suas personagens. Conforme o lugar representativo ocupado por Evaristo enquanto autora negra, a própria ressalta que “até então, os brancos podiam dizer a nosso respeito. Mas quando a gente se apropria do nosso discurso, da nossa história, isso é motivo de interdição” (EVARISTO, 2018). Portanto, quando pensamos na posição da mulher na sociedade brasileira, precisamos ressaltar que estas estavam

excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas por dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores (TELLES, 2011, p. 408).

Desta forma, ao ter-se dedicado em fazer uma abordagem da presença do negro na Literatura Brasileira, Telles (2011, p. 414) constatou que

uns dez anos antes desse livro [História das Mulheres no Brasil], a presença do negro na literatura brasileira era muito discreta e silenciosa, ele aparecia como um *cão fiel*. Devido à escravidão, não era fácil um escravo se tornar objeto estético. A partir de 1870, cresce a presença das personagens negras nos livros, na mesma medida em que crescia a ideia de “perigo negro” em meio às camadas dominantes do Império.

Portanto, ao estudar o percurso da Literatura Brasileira, constatamos que o sujeito negro era sobremodo excluído dos modos de manifestação não somente política e social, mas ainda artística e cultural, ou simplesmente que “certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas” (RIBEIRO, 2017, p. 31).

A representação da mulher negra nos contos “Rose Dusreis” e “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”

A Literatura constitui uma manifestação artística de grande importância enquanto representação dos contextos socioculturais de uma determinada época ou sociedade, já que é uma das principais formas de expressão da realidade política e sociocultural. Por sua vez, os escritos de Conceição Evaristo têm ocupado um lugar importante quando se fala da *representação*, por intermédio da literatura, de sujeitos sociais historicamente ou silenciados ou comumente representados por aqueles que comportam o olhar *de fora* (DELCASTAGNÈ, 2011).

O conto *Rose dos Reis*, que trata de um tema tão maçante em uma linguagem poética, reflete a realidade das famílias (negras) socioeconomicamente marginalizadas. Em cada fragmento, somos tocados pela significação dos espaços da casa ali representados. Uma casa outrora cheia de alegria, esvazia-se após a morte do pai e a partida precoce da irmã mais velha, que irá, diante da atual situação da família, assumir trabalhos domésticos em outra casa, a fim de ganhar o mínimo para sustentar-se. Os espaços das brincadeiras diárias, da troca de afetos e pequenos afazeres, são tomados pelas dolorosas memórias de Dusreis. A cama, outrora dividida pelas irmãs, transforma-se em um espaço de dor:

Foi ainda naquele tempo que descobri que a saudade é também uma dor física. De noite, a ausência do corpo de minha irmã, que dormia comigo na mesma cama, deixava um vazio sobre o magro colchão de capim, que doía em mim toda, confundindo com uma sensação de frio. Meses depois, seria eu a desgarrada da família (EVARISTO, 2016, p. 111).

A narrativa da obra é representativa por, exatamente, retratar os sentimentos tão comuns aos negros nas sociedades racistas: a dor, a perda, a discriminação/exclusão e, principalmente, a solidão. Sentimentos estes que foram frequentemente desconsiderados nas escritas que utilizavam do sujeito negro mais como pano de fundo para manutenção de um discurso colonizador do que mesmo como um sujeito com uma história, ou como um objeto estético. Logo, a escrita de Conceição Evaristo é peculiar, justamente por representar, diríamos, devidamente a condição das mulheres negras frente aos dissabores tão comuns de suas vidas privadas. Dessa forma, Evaristo cumpre o papel inverso daqueles autores que, como diz Dalcastagnè (2012), incorrem no erro de, de suas perspectivas dominantes, representarem, de maneira exótica, determinados extratos sociais, principalmente por “a linguagem dominante pode[r] ser utilizada como forma de manutenção de poder” (RIBEIRO, 2017, p. 28). Logo, “é nesse sentido que vou me referir ao exotismo de algumas narrativas contemporâneas. Ou seja, aquelas obras onde o ‘outro’ aparece com as feições que a tradição lhes deu – deformadas pelo nosso medo, preconceito e sentimento de superioridade” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 24). Por isso, a mulher negra de Conceição Evaristo está longe da imagem comumente estereotipada pelos valores burgueses. Ela é um sujeito que, como Dusreis, em meio aos percalços da vida, tem a consciência de ser sujeito de sua própria história: “Dizem que algumas pessoas escrevem para não morrer, outras pintam, algumas representam, e há também as que cantam, as que tocam instrumentos, as que bordam... Eu danço” (EVARISTO, 2016, p. 115). Por isso, através da arte da dança, Dusreis primeiramente rompeu com uma ordem estabelecida (que limitava suas perspectivas laborais mediante sua condição) e deu um novo sentido a sua vida.

A solidão da mulher negra também tem ganhado destaque nos contos aqui analisados. Os dramas vivenciados por Dusreis e Maria do Rosário são representativos da realidade não ficcional desses sujeitos, por isso, suas narrativas, sobretudo melancólicas, representam não somente a perda das relações familiares, mas, também, a dor daqueles que partem: “Fui entre lágrimas, minhas, de mamãe e de minhas irmãs que estavam em casa” (EVARISTO, 2016, p. 112). No momento em que as protagonistas dos contos ganham voz, temos a sensação de que suas falas são compartilhadas, como se conversassem entre si, devido à coerência quanto aos seus relatos, por isso, podemos concluir que as mulheres negras, de um modo geral, lidam com problemas específicos decorrentes de sua condição sociorracial.

Diante da solidão e perda dos laços familiares, conhecemos os hábitos que Maria Imaculada adotou para não esquecer-se dos seus, daqueles que ficaram:

Todas as noites, antes do sono me pegar, eu mesma me contava as minhas histórias, as histórias de minha gente. Mas, com o passar do tempo, com desespero eu via a gente como um desenho distante, em que eu não alcançava os detalhes. Época houve em que tudo se tornou apenas um esboço. Por isso, tantos remendos em minha fala. A deslembração de vários fatos me dói (EVARISTO, 2016, p. 47-48).

Maria Imaculada lançou mão de uma estratégia discursiva em que foi possível a manutenção de sua memória individual das experiências vividas no seio familiar. Quanto aos remendos na fala da personagem, temos de considerar que, como ressalta Márcio Siligmann-Silva (2008), em seu texto *Narrar o trauma*, lembrar os momentos dos quais marcaram negativamente nossas vidas é como se voltássemos naquele tempo e vivêssemos novamente aquilo que nos causou tamanha dor. Por isso, há, sutilmente, na fala das personagens, a indicação de que o tempo que lhes fora furtado não volta mais, ao contrário, inscrevera-se em suas histórias de vida como um evento indesejado, por isso dolorido, e lhes impunha um destino onde a infância já não teria o mesmo significado. Entretanto, mesmo em meio ao relato de dor dessa personagem, convém ressaltar que a mesma é possuidora de um importante *poder discursivo*, pois é capaz de, através da narrativa, instigar o leitor a conhecer a história que está sendo narrada e, conseqüentemente, aos seus possíveis desfechos. Logo, *do lado de cá*, nós, como parte do fazer literário, ansiamos pelas palavras daquela que, outrora, reforçava que “tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude” (EVARISTO, 2016, p. 47), em função do silenciamento a qual estava submetida. Em *Narrar o trauma*, essa necessidade de falar é descrita como uma “necessidade de contar aos ‘outros’, de tornar os ‘outros’ participantes” (LEVI *apud* SELIGAMANN-SILVA, 2008, p. 66) de sua dor.

Dusreis e Maria Imaculada tiveram de, precocemente e distantes da família, apreender os ofícios do trabalho doméstico e adentrar o campo do trabalho de maneira precária, vendendo sua mão de obra por baixo valor monetário: “Eu trabalhava imensamente, aprendi a cozinhar, a passar e a cuidar de crianças” (EVARISTO, 2016, p. 48), tornando-se, assim, no caso de Maria Imaculada, sua profissão, ou seja, sua forma de ganhar a vida: “Dali, saí para outra casa e mais casas. Nunca mais soube do casal que me roubou de meus pais” (EVARISTO, 2016, p. 51) e retirando desta, então, a possibilidade de formas alternativas de trabalho, influenciando, assim, na sua identidade e comprometendo sua qualidade de vida e acesso ao prestígio sociocultural possibilitado apenas aos sujeitos hegemônicos, em função de “essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam imped[irem] que a população negra acesse a certos espaços (RIBEIRO, 2017, p.66). Já Dusreis, em contrapartida, mesmo tendo também de prestar serviços domésticos para sobreviver, onde “acordava cedo, junto com outras meninas tão pobres quanto eu, para ajudarmos no do café das meninas rica. Aprendi todos os afazeres de uma casa, cozinhar, lavar, passar, arrumar” (EVARISTO, 2016, p. 113), conseguiu transcender àquela realidade e se capacitar através da dança, um sonho de infância.

A descrição da história de vida de Dusreis inicia-se da seguinte forma:

Aos nove anos meu pai morreu e minha mãe ficou sozinha para cuidar de cinco filhas, que tinham a idade de onze a três anos. Foi um dos momentos mais dolorosos que já vivi. Tínhamos uma vida pobre, em que o salário dele, como pedreiro, era completado pelo trabalho de minha mãe, exímia lavadeira. (...) Com a morte de meu pai, só restou o trabalho de minha mãe, cujo ganho tornou-se insuficiente (EVARISTO, 2016, pp. 110-111).

No lar, desde a infância, Dusreis teve de lidar com a situação de precarização econômica da família, fato semelhante à condição dos sujeitos por ela literariamente representados. Mais uma vez, Conceição Evaristo tem ocupado seu *lugar de fala* por meio da literatura, pois, “os autores brasileiros se mostram muito mais sensíveis à variedade das vivências dos estratos sociais mais próximos ao seu” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 31). De certa forma, representa um rompimento no

modelo hegemônico de escrita literária brasileira, por sua vivência *de baixo* influenciar sua escrita, considerando que, “de maneira um tanto simplista e cometendo alguma (mas não muita) injustiça, é possível descrever nossa literatura como sendo a classe média olhando para a classe média” (IDEM, 2012, p.18).

Logo, sobre sua escrita, podemos classificá-la como uma representação adequada, ou simplesmente falar de representatividade. Em outros termos, representação adequada é “cada vez mais interpretada como implicando uma representação mais correta dos diferentes grupos sociais que compõem o corpo de cidadãos” (PHILLIPS apud DALCASTAGNÈ, 2012, p. 18). Além disso, quando se dispõe a ouvir (e, claro, dar voz ao que ouve), Evaristo consolida-se representante do sujeito negro e difere-se da pessoa branca, quando autores afirmam que “[há] essa dificuldade da pessoa branca em ouvir, por conta do incômodo que as vozes silenciadas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única” (RIBEIRO, 2017, p. 80).

Conclusão

Debruçar-se nos estudos da escrita de Conceição Evaristo sem dúvida é um desafio àqueles que se dedicam a esta tarefa, pois suas obras nos exigem olhares e deslocamentos diversificados, em função de ser um importante instrumento de contestação do discurso colonizador e, por isso, exigir-nos uma postura crítica frente ao texto literário. Sua escrita nos tira do comodismo, e para tal é preciso fôlego. A linguagem utilizada, os temas retratados, o olhar que lança sobre as temáticas, ou seja, a tessitura literária de suas escritas nos instiga à reflexão dos discursos e estruturas sociais dominantes. Suas personagens têm ânsia de serem ouvidas, e Conceição Evaristo tem ânsia de fazê-las serem ouvidas.

Nos contos “Rose Dusreis” e “Maria do Rosário Imaculada dos Santos”, as mulheres negras neles representadas são a encarnação textual de toda a opressão social vivida por esses sujeitos que foram historicamente hierarquizados e silenciados em função do mantimento do *status quo* de uma sociedade colonialista, racista e misógina, que, de diversos modos, oprime os sujeitos que não fazem parte do grupo dominante. Entretanto, Evaristo, ao dar voz a esses *sujeitos emergentes* por meio da Literatura, rompeu com um silêncio institucionalizado e, inclusive, provocou uma alteração no modelo literário até então vigente, quando resolveu dar voz aos sujeitos que eram socioculturalmente impedidos de falar, ou que suas vozes não usufruíam de legitimidade, quando sua representação estava atrelada à perspectiva dominante.

Assim sendo, a presente pesquisa dedicou-se a avaliar a condição da mulher negra em dois contos de Conceição Evaristo e, em decorrência disso, constatamos que as mulheres negras aqui representadas partilham de problemas provocados, sobretudo, por sua posição sociorracial. Dentre estes problemas, o mais significativo foi a desintegração familiar as quais as mulheres negras estão expostas e, conseqüentemente, todos os outros problemas decorrentes deste fato, como a perda da identidade, dos laços afetivos e familiares, a dor, a solidão e, precisamente, o rompimento de sua concretização enquanto sujeitos possuidores de uma história, relegando-as ao anonimato, ou ao olhar opressor.

Referências

ARENDRT, Hannah. **A condição humana**. 11 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

COSTA, Eduarda Rodrigues. **Memória e consciência negra**. **Literafro**: o portal da literatura afro-brasileira. Disponibilidade em:< <http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-criticos/1123-memoria-e-consciencia-negra-eduarda-rodrigues-costa>>. Acesso em: set. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: um território contestado. Rio de Janeiro: Horizonte, 2012.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira**. **Literafro**: o portal da literatura afro-brasileira. Disponível em:<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/artigos/artigos-teorico-conceituais/148-eduardo-de-assis-duarte-por-um-conceito-de-literatura-afro-brasileira>>.

Acesso em: 20 set. 2018.

EVARISTO, Conceição. É preciso questionar as regras que me fizeram ser reconhecida apenas aos 71 anos. Entrevista para a BBC Brasil, 9 de março de 2018. Disponibilidade em:<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43324948>>. Acesso em: 28 nov. 2018.

_____. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2 ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: **História das Mulheres no Brasil**. Organização Mary Del Priore. 10 ed., 1 reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Revista de Psicologia Clínica**: Revista da Pontífica Universidade Católica Do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 1, v. 20, 2008. Disponibilidade em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022014005>>. Acesso em: 30 nov. 2018.

Recebido em 30 de novembro de 2018.

Aceito em 12 de abril de 2019.